

EXERCITAR O NOSSO REFÚGIO

Entrevista a João Brites por Rui Telmo Gomes

Neste número 6 da OBS dá-se início a uma nova rubrica, em que serão apresentadas entrevistas a diversos protagonistas no domínio da cultura. O primeiro convidado foi João Brites, responsável do grupo de teatro O Bando e da Unidade de Espectáculos da Expo'98. Os temas debatidos foram desde um ensaio de balanço da Exposição, um ano após a sua realização, até à reflexão sobre um novo ciclo que agora se anuncia na existência do grupo, com a deslocação para a sua nova sede em Palmela.

OBS: Começemos por um mote. Havia uma expressão em vários documentos da Unidade de Espectáculos – *o desejo é explícito: os criadores na rua, a rua como palco de todos* –, que se apresentava como princípio estratégico da animação na Expo'98. Quais os efeitos, inclusive de um ponto de vista pessoal, que se podem ver agora?

JB: Aquilo que eu sinto, até a partir do que fizemos recentemente no espectáculo *Madrugada* (no 25º aniversário do 25 de Abril) e de contactos com algumas pessoas que participaram nos Olharapos e na Peregrinação, é que existem muito mais espectáculos de rua. Provavelmente, não só em resultado da Expo, mas também das escolas profissionais. Existe uma outra mentalidade da parte da gente mais nova. Lembro-me que certos exercícios que eu fazia na rua eram vistos, por alguns alunos (da Escola Superior de Teatro e Cinema), como coisas estranhas. Resistiam. Diziam que era muito perigoso, que os carros podiam atropelar, que podia chover... Hoje não sinto essas resistências.

A Expo, em todo o caso, suscitou um maior interesse pela intervenção na rua, talvez para melhor interpelar as pessoas e a sociedade. Tenho conhecimento de algumas pessoas que estão a fazer animação sócio-cultural, que têm projectos não só artísticos, mas claramente de intervenção social.

Pessoas que trabalharam na Expo...

Sim. É pena não termos instrumentos de medida, porque tive conhecimento de que existem muito mais projectos apresentados ao Ministério da Cultura. Os projectos multiplicaram-se.

Aquilo que eram dezenas, hoje são centenas. Não quer dizer que a Expo tenha sido exclusivamente responsável, de maneira nenhuma, mas participou, contribuiu para esse *élan*.

Tivemos também algum impacto na área do vídeo e do cinema. Alguns dos projectos apresentados na Praça Sony ganharam prémios. Claro que isto é natural, suscitam-se vias e isto é imparável.

E ao nível de públicos, de pessoas que passaram pela Expo, que provavelmente não tinham tanto o hábito de assistir a espectáculos na rua, pelos menos com aquela concentração, sente a partir daí alguma receptividade ou uma relação diferente?

É sempre subjectivo. Nunca temos a certeza exacta, mas pressinto que existe uma maior atenção dos públicos para as coisas da rua, que a rua é menos tida como um espaço de recurso, ocupado por gente "amadora", ou que não tem outro sítio para estar. Sinto que há uma atenção especial da parte de alguns públicos para aquilo que acontece na rua e para quem alguns projectos podem ser interessantes. Não é por serem na rua que têm uma menor qualidade artística.

E depois nós sentimos que existem alguns projectos, algumas ideias, alguns conceitos que continuam. Modificados, uns mais, outros menos, mas existem alguns projectos que continuam. Na televisão, por exemplo, deu-se continuidade à ideia de 'Afinidades' [nome de um projecto da programação da Expo'98, de algum modo próximo do programa televisivo *Atlântico*]. Na dança aparecem obras e festivais que integram o cenário da rua e dos prédios nas suas coreografias. A programação do Parque das Nações inspira-se naturalmente em alguns conceitos então encontrados. Já Lisboa'94 foi muito criticada pela sobrecarga de iniciativas, mas há todo um impulso mais generalizado de atenção às coisas artísticas e isso tem sempre uma série de reflexos. Quando não existe, sente-se a falta.

Dinâmicas depois da Expo'98

Há aquela ideia de que a seguir a um evento com as proporções da Expo há um efeito de quebra ou de esvaziamento. Isso fez-se sentir neste último ano?

Eu acho que isso se faz sempre sentir. Existem mais projectos, mas quantos se vão concretizar? Tenho falado com várias pessoas que o têm sentido. Algumas, como o Rui Júnior, que estava a trabalhar em percussão com centenas de jovens em várias câmaras, têm-se ressentido com a ausência da Expo. Só algumas câmaras é que o continuam a apoiar. Existem maiores dificuldades em concretizar alguns projectos. Por outro lado, existe maior vontade, mais pessoas manifestam o desejo de se associarem, de constituírem pequenas empresas, pequenos grupos de trabalho, mas não estão suficientemente organizados. Também as estruturas de apoio não conseguem

corresponder, nem a nível regional, nem a nível central. E, provavelmente, nem têm uma percepção alargada do que se há-de apoiar, do que se há-de fazer. Porque há tanta coisa que começa a ser difícil estabelecer critérios, definir-se para onde se vai.

Não só com a Expo'98, mas também através dela, se geraram associações entre pessoas para produzir pequenos projectos, mas que depois têm encontrado dificuldades em recolher apoios. Coloca-se então aí um problema de estabelecer critérios. É isso?

É, até porque é gente com pouca experiência, cujas referências são muitas vezes difíceis de estabelecer e que depois terão, imagino, projectos nem sempre bem elaborados. Alguns que parecem interessantes, pelo conteúdo e até graficamente bem apresentados, acabam por revelar uma realização aquém das expectativas. Pode não haver uma relação directa com o resultado final. Outros, se calhar, que não conseguem apresentar um projecto qualitativamente bem elaborado, obtêm resultados inesperados, na prática, ao concretizá-lo.

Portanto, é difícil estabelecer, no plano nacional, uma política de apoio, sobretudo se estão envolvidos vários tipos de organismos, conceitos diversos de descentralização, para além do Ministério da Cultura e de outros organismos centrais.

Ora, quando se apoia está-se a criar mecanismos, está-se a perspectivar qualquer coisa num certo sentido. Essa consciência do sentido em que se está globalmente a perspectivar o crescimento destas coisas é que merecia uma reflexão para se definir, sem querer controlar tudo, se isto ou aquilo interessa.

Quanto à questão dos critérios de apoio, qual é a sua percepção no que respeita a projectos na área da animação de rua?

Há uma visão sempre um pouco utilitária da intervenção de rua. Porque há a animação num determinado momento, político, circunstancial. Agora, como é que a animação faz parte da comunidade, como é que um percurso cresce, já é mais difícil de estabelecer. Até que ponto um poder regional está interessado em manter uma pequena estrutura, mesmo que pouco apoiada, com um apoio regular (em vez de dizer, por exemplo, que há o dia da criança, que é preciso uns palhaços a fazer não sei o quê)?

O apoio a projectos de animação passa, portanto, sempre por eventos particulares?

Eu penso que sim. Às vezes, os grupos poderiam até ter um apoio ridículo como cem contos por mês. Mas dava-lhes uma outra perspectiva. Tinham os cem contos e em contrapartida tinham de fazer qualquer coisa. Estava-se a incentivar a continuidade. Poderia ser quebrada a dado momento, porque não correu bem, porque o poder deixou de estar de acordo, porque os artistas não quiseram

mais exprimir-se assim. Mas apesar de tudo, haveria o incentivo à continuidade, como se se dissesse "isto é um princípio, vamos lá ver para onde isto vai". Podíamos assim recorrer menos à importação de modelos de referência, internos ou externos. Este conceito realmente é subversivo, porque se aposta no que não existe e, porque não existe, não se controla o resultado.

O Bando, os eventos e a intervenção na rua

No Teatro do Bando, tivemos recentemente um estágio para reflectirmos em conjunto. O que é isto dos eventos, do teatro, da nossa inserção artística nesta sociedade politicamente tão conturbada. Reconhecemos que existem poucos grupos como o nosso na Europa. É um colectivo que existe há 25 anos, que, como cooperativa, mantém algumas regras fundamentais colectivistas de funcionamento democrático. Grupos como o nosso, com 20 pessoas a tempo inteiro, tiveram tendência a desaparecer. Na Europa reduziram-se a 4 ou 5 pessoas. São estruturas minimais (com estrutura técnica e administrativa fixa), por vezes em torno de uma figura carismática. O próprio poder teve tendência para criar um modelo de apoios que realmente não facilita as alternativas. A não ser que sejam personalidades incontestáveis e que, de vez em quando, conseguem obter uma solução de excepção. Sentimos isso, por exemplo, em Espanha. Parece-me que a vertente positiva era mais aparente que real. Vemos, por exemplo, como é que se estão a transformar os *Els Comediants*, que eram tão interessantes como criadores teatrais e que estão neste momento quase totalmente vocacionados para a produção de eventos. Provavelmente não era isso que eles queriam. O Joan Font disse-me que depois da participação em Sevilha atravessaram um período extremamente difícil do ponto de vista financeiro.

Aliás, isso está a acontecer de algum modo com O Bando. Existe a ideia de que O Bando ganhou dinheiro e conseguiu até criar uma situação de maior estabilidade. É verdade que tínhamos uma dívida acumulada anual de quase 20 mil contos e que a conseguimos equilibrar, mas estamos a zero.

Assim como com o 25 de Abril. Apesar dos jornais falarem em 60 mil contos envolvidos naquele espectáculo, nós acordámos um pagamento ao Bando no valor de 10 mil contos, dos quais, se descontarmos despesas directamente relacionadas com o projecto, apenas 5 ou 6 mil contos constituem o montante real do pagamento pelo serviço prestado. Ora, só em pessoal permanente, gastamos por mês os mesmos 5 ou 6 mil contos e o grupo esteve a trabalhar neste projecto mais de um mês, algumas pessoas mais de três meses e eu próprio estive todo esse tempo a conceber e dirigir o espectáculo.

Nós costumamos duplicar e às vezes até triplicar o montante do subsídio do Ministério da Cultura. Mas é de uma forma indirecta. Muitas das verbas que entram têm logo uma saída, são para viagens, serviços directamente pagos a terceiros. Nós não as podemos gerir, correspondem a gastos imediatos. Quando fazemos o balanço e nos perguntamos quanto aplicámos em criação, em

pagamentos ao pessoal, na manutenção da estrutura, somos confrontados com uma verba disponível muito inferior.

Reflectir sobre o teatro

Mas então coloca-se ao Bando, como se tinha colocado aos Comediantes, a questão de a seguir à Expo existirem dificuldades tanto do ponto de vista financeiro como do ponto de vista criativo? Como têm lidado com isso?

Estamos a tentar pedir um empréstimo bancário para nos instalarmos fora de Lisboa, em Palmela. Neste momento estamos só a aguardar o respectivo parecer bancário e, se for aceite, vamos mesmo sair de Lisboa. Ao tentar estar atentos a fugir a uma rotina, apercebermo-nos de que existem ciclos, de que tudo se vai transformando. Nada se nega em relação ao que se fez antes, porque existe uma experiência acumulada, uma memória. Mas realmente existe um desejo da nossa parte, depois da Expo de Lisboa, de nos tornarmos mais políticos. Acho que o Dario Fo quase deixou de fazer teatro, tornou-se uma figura *pivot* em Itália, de intervenção, contra a guerra [do Kosovo]. Não é bem isso que nós pretendemos, queremos utilizar o teatro, sem o tornar panfletário. Como artistas, temos de reflectir sobre isso. Até porque fizemos as experiências mais radicais quanto à matéria teatro – sobre o texto, a plástica, o corpo –, agora devíamos estruturar melhor a nossa linguagem artística e deveríamos ter a perspicácia de não nos recolhemos demasiado no nosso mundo interior, na nossa complexidade artística e perdermos contacto com o mundo. E esta ideia de irmos para fora não quer dizer de maneira nenhuma que estamos a fugir da realidade. Pelo contrário, é criar distância para vermos melhor. Nós muito em cima das coisas parece que vemos melhor, mas só vemos um bocadinho. É como em Brecht, com a distanciação no teatro. O actor tem necessidade de perceber o que está a fazer, de ter consciência, artística e política. Os artistas deviam ter sempre uma opinião sobre si próprios. São aqueles que, se calhar, conseguem verbalizar ou exprimir com maior pertinência a contradição dos sistemas já instalados. Têm a obrigação de questionar com maior clarividência.

O projecto da sede em Palmela

A vossa deslocação para Palmela já estava pensada antes da Expo ou foi pensada depois com a percepção de mudança de ciclo?

Foi resultado também de uma experiência acumulada do que não se conseguiu concretizar. Ao longo dos anos temos 4 ou 5 projectos que não se conseguiram realizar. Neste momento temos

ainda um terreno em Telheiras, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, mas como não é nosso não conseguimos obter empréstimo bancário. Entenda-se que ao longo dos 25 anos da nossa existência como grupo nunca obtivemos o apoio necessário para a construção ou adaptação de um espaço para sede de teatro. Temos um projecto de construção de uma sede (aliás, temos dois projectos prontos), com maqueta, mas não conseguimos verbas para o construir. Em Palmela, queremos comprar um terreno, com umas casas velhas, e como aquilo será nosso, podemos hipotecar ou fazer um contrato no sistema *leasing*. Temos um património sobre o qual o banco nos faz um empréstimo.

Na Expo ainda surgiu, a dado momento, a hipótese de criar uma sala alternativa. Trabalhou-se vários meses na criação dessa sala. Depois a hipótese não foi concretizada e nós chegámos à conclusão de que mais vale viver numa certa margem, do que sob pressão de uma instituição que quer produtividade, que tem conceitos sobre a programação e que portanto vai exercer uma certa pressão sobre a forma dos espectáculos e o seu conteúdo. É mais lógico que a gente viva numa certa margem e que nessa margem consiga actuar, com a nossa autonomia. É maior a coerência do projecto.

Na vossa deslocação para Palmela qual será o público? Isto é, trata-se de estar na margem de Lisboa, mas próximo de Lisboa, ou é antes uma "meia-descentralização"?

Não, a nossa ideia é estar próximo de Lisboa. A nossa ideia é a de que o nosso público possa ir até Palmela e a ele se possa associar o público da zona. Claro que isso é um risco. Mas se nós formos suficientemente diferentes e se as pessoas não encontrarem nada parecido noutra sítio, talvez se consiga manter a relação com o nosso público. A relação com o vento, a terra, com o pão que sai quente de uma forma contribui para o aprofundamento dos nossos espectáculos. Às vezes, há público que se desloca quilómetros e quilómetros, pontualmente, para ir ver um evento nosso. Agora, quando vamos montar ali um espectáculo, *Merlim*, e precisamos de lá estar não sei quantas semanas e tentar fazer 20 representações, não sabemos o que se vai passar.

Vão portanto fazer espectáculos para múltiplas representações.

Estamos a pensar manter a itinerância como factor fundamental. Quando estreamos um espectáculo, poderíamos fazer 20 ou 30 actuações naquele sítio e depois então começar a fazer itinerância.

Outro espaço

E aquele espaço não é só para espectáculos. Aquilo não é uma sala, porque senão mais valia ter realmente uma sala numa zona urbana. Nós sabemos que há um fluxo de gente que começa a instalar as suas casas no campo. Há uma certa fuga a uma certa urbanidade. Ali podemos "cultivar" os espectáculos de música acústica, evocar o silêncio, voltar a ouvir outras coisas e criar sinergias com *ateliers* de outros artistas, de coreografia, de música. Alguns podem lá ficar a dormir. As pessoas sabem que podem almoçar, jantar, estar connosco a falar, discutir. Não são apenas consumidores de espectáculos. E a gente não deixa de vir para o lado de Lisboa, fazer os nossos espectáculos. Não é isso que está em causa. Mas se nos quiserem ver ali, têm outras condicionantes, se calhar mais interessantes que noutros sítios. É outro o apetite.

De facto, é uma aposta arriscada...

As pessoas correm sempre riscos na vida. Estivemos a discutir muito se havíamos de fazer o *Merlim* agora. Com o Ministério da Cultura ficou estipulado que o nosso triénio acabava com o *Merlim*, que é uma grande produção. Tínhamos outras produções que podíamos fazer e sugerir ao Ministério, mas gostamos de cumprir os contratos. O *Merlim* vai estrear numa má altura, no Inverno. É um espectáculo de rua, no meio da terra, vai chover, vai estar vento. Colocava-se a questão de adiar para Maio ou fazer agora. É um risco, mas optámos por montá-lo até ao fim do ano, até porque o contrário podia ser entendido como uma fuga ao contrato que estabelecemos com o Ministério.

E será já em Palmela?

Sim, se o banco se comprometer nos próximos dias, como pensamos, já será em Palmela.

Há uma pergunta que me ocorre e é difícil não fazer: quais são os efeitos resultantes da diferença de escala na passagem de um evento como a Expo'98 para este novo ciclo d'O Bando?

O Bando já participou noutros grandes eventos, embora não comparáveis com a Expo. Provavelmente, de vez em quando, faremos uma coisa dessas. Da parte da própria equipa d'O Bando há um certo gosto por isso. Mas os actores (e eu próprio) alertam para que de repente estão em funções de liderança e de coordenação, em vez de estarem eles próprios a actuar e a privilegiar a representação. Temos de ser muito cuidadosos.

Num dado momento do nosso trajecto, quando fazíamos muitos seminários e animações, parecíamos "assistentes sociais". E de repente, sem darmos bem por isso, começámos a ser um grupo prioritariamente vocacionado para essa área. Era também daí que vinha uma forte receita. Tivemos de travar e travámos mesmo.

Em relação aos eventos é a mesma coisa. Temos de ser muito criteriosos naqueles que aceitamos. Somos pessoas do teatro e queremos é desenvolver a nossa linguagem, tornar mais consciente para nós próprios aquilo que nós fazemos, em relação ao género, à maneira de fazer.

O Festival Internacional de Artes de Rua em Palmela

Uma última questão. Julgo que estão a organizar um festival em Palmela. Isso significa alguma relação especial com a câmara?

Existia já uma relação privilegiada com Palmela, porque sentíamos aí uma visão mais alargada da cultura e menos marcada no sentido da funcionalidade imediata. Criou-se uma certa relação e foram encontradas algumas soluções interessantes. Não só sob o ponto de vista do *popular*, mas nessa aposta no cruzamento entre *popular* e *erudito*, no efeito de estranheza.

Neste momento estamos a co-organizar um festival, que se chama FIAR, Festival Internacional de Artes de Rua, e que este ano ainda está numa fase de transição. Para o ano será o ano zero, o ano do lançamento, correspondente com o ano 2000 e depois vai ficar o "FIAR UM" em 2001. O número vai ser o tema do festival.

Existe uma vontade de criar uma ampla relação com os públicos e ao mesmo tempo transportar a arte dita erudita, ou mais pensada, para uma relação mais interactiva com esses públicos. Uma aposta de trazer artistas com uma certa qualidade e a confrontação com esses públicos em situações construídas para o efeito. Aquela vila, com os espaços multifacetados que tem, vai poder acolher espectáculos concebidos expressamente para aquelas ruas.

Por exemplo, vão existir várias instalações cénicas em diversos pontos da vila. Um cenário criado só através da iluminação num dado canto da muralha, sem mais nada, para que as pessoas possam ver esse lugar de uma forma diferente e reparem nele de outro modo.

Num outro evento vamos instalar um estrado a meio da torre de menagem e nesse lugar vão viver durante 48 horas sete artistas, cuja função é observarem o mundo e no final redigirem uma declaração pública sobre a intervenção urgente da arte na sociedade. Vão estar à vista das pessoas que vão passando na rua. Vão estar a exercitar o seu refúgio.